

## Paula Krause

Clóvis Martins Costa

26/10 a 22/11/2002

Em cada peça da casa havia uma saída para o pátio central. Em cada andar uma janela voltada para o leste, onde a luz do sol ficava sépia no horizonte. Recortava pedaços de papel fotográfico, revelando instantaneamente a posição da cabeça, que variava segundo alguns princípios de tédio programado.

Demorei um pouco para me dar conta de que as fotos haviam sido feitas ali, no Torreão. Pensava antes desta importante descoberta em um trabalho deslocado, espaço povoado por imagens externas à seu campo potencial de ocupação e transitoriedade.

Durante os primeiros passos após a subida da escada, a presença da Paula parecia suprimir o entreposto espacial das paredes vazadas da torre, com sua imagem insistente, redimensionada pelas variações em sua posição diante da câmera fotográfica.

Estava à um passo do desengano.

O trabalho poderia impor sua ausência, e o não saber ao certo diante do que eu estava posto, me levou a olhar para o espaço externo, através das janelas abertas. Comportas que ventilavam as fotos, tornado instáveis as condições nas quais ela(s) estava(m) fixada(s) nas paredes. A intenção da ausência quase me fugiu, reincidindo contra-espacos à minha presença, no meu pensamento. O termo não-lugar fez sentido naquele instante, naquela manhã.

No espaço íntimo da torre aparentemente povoada, instaurou-se a ausência aflitiva de um desaparecimento tenro, lento como a seqüência de posições nas quais a Paula representava a si mesma.

Às vezes, parece que quando se dá início a um processo de trabalho em artes visuais, quem o faz, realiza a captação parcial de uma idéia, retirando apenas parte de um fluxo contínuo de material que paira, talvez, sobre o mundo tal qual ele se apresenta. As coisas feitas e deixadas pelos artistas podem ser então, um pedaço morto de algo maior, pertencente à um circuito de manifestações visuais inerentes á outros estranhamentos, outras idéias e pensamentos que retém o mundo com o olhar. Paula pôs à presença o seu estranhamento, porém, invertendo a condição do objeto mortificado, para engajar suas expectativas em sua própria imagem. Esta, já não lhe pertence, na medida em que repete e direciona a fotografia para um plano de ação desvinculado do campo da visão e sim, da relação de presença que temos com o mundo colocado em freqüência de captação, como uma onda sonora (?).

Por uma oscilação dos sentidos eu quase caí na armadilha que se criou no interior deste trabalho.

Um momento de espera.

Espaço vago na poltrona aberta, que poderia ser ocupada a qualquer instante, antes que as fotos desaparecessem pelas janelas da torre.

Um tipo de atenção desprendida se fez essencial para continuar naquele espaço. Desprendida, porém redobrada, deixando que a retina se descolasse num único momento de reflexão.

Conversas sobrepostas no andar de baixo. Lembro de uma voz (acho que de uma das gurias que corriam balançando o assoalho) que indagava, "cadê a Paula ?".

Percebi que ela não estava ali, naquele espaço. No meu tempo, que ocupava o resto de vazio que ainda podia se entrever naquela casa.

Clóvis Martins Costa  
artista Plástico

Exposição realizada no Torreão, Porto Alegre